

## ***PREDILECÇÃO PELA INFÂNCIA***



***Maria Helena da Guerra Pratas  
Universidade Católica Portuguesa  
Sociedade Científica***

**E**m 13 de Maio de 2017, o Papa Francisco canonizou em Fátima duas crianças, Jacinta e Francisco Marto, depositárias da Mensagem da Virgem, anteriormente beatificadas pelo Papa João Paulo II em Maio de 2000. Já o Papa Pio XII dissera: "Não deveis acreditar que a menoridade seja um obstáculo para o caminho rumo à perfeição até mesmo consumada, ou seja, a santidade"<sup>1</sup>; alguns anos antes, o seu predecessor São Pio X exclamara: "Haverá santos entre as crianças"<sup>2</sup>. No entanto, não foi fácil, ao longo do processo da sua beatificação, chegar à conclusão unânime de que duas crianças podiam ser santas, alcançar a santidade pelo exercício heróico das virtudes cristãs. O exemplo destas primeiras crianças de Fátima abriu de certo modo caminho a uma nova reconfiguração do religioso, de abertura à santidade também das crianças, nem sempre devidamente valorizadas nas dinâmicas pastorais.

---

<sup>1</sup> Cf. *Pontificium Opus a Sancta Infantia*, in [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cevang/p\\_missionary\\_works/infantia/documents/rc\\_ic\\_infantia\\_doc\\_2001\\_1025\\_boletin9p9\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cevang/p_missionary_works/infantia/documents/rc_ic_infantia_doc_2001_1025_boletin9p9_po.html). (consultado 16-VII-2019).

<sup>2</sup> *Ibidem*. Os textos dos Papas para os quais não se indiquem outras fontes foram consultados no site do Vaticano, <http://www.vatican.va>

João Paulo II, na *Homilia na Beatificação de Francisco e Jacinta Marto*, em 13 de Maio de 2000, quis explicitamente fundamentar a beatificação de duas crianças que não foram mártires nas palavras de Jesus no Evangelho:

"Eu Te bendigo, ó Pai, porque escondeste estas verdades aos sábios e inteligentes, e as revelaste aos pequeninos". 'Eu te bendigo, ó Pai, por todos os teus pequeninos, a começar pela Virgem Maria, tua humilde Serva, até aos pastorinhos Francisco e Jacinta. Que a mensagem das suas vidas permaneça sempre viva para iluminar o caminho da humanidade!"<sup>3</sup>

O objectivo deste ensaio foi o de estudar e aprofundar - seguindo a metodologia teológica - como é encarada a infância nos textos da *Sagrada Escritura*, da Tradição cristã e do Magistério recente da Igreja Católica romana, de modo compreendê-la melhor e o porquê desta predilecção pela infância manifestada nos Evangelhos e na escolha de crianças como destinatários das mensagens divinas.

#### I. Predilecção pela Infância: Raízes na *Sagrada Escritura*

A predilecção pela infância – e com ela, uma teologia da Infância - tem as suas raízes na *Sagrada Escritura*. Já no Antigo Testamento se fala da atitude de infância – pobreza, humildade e pequenez daqueles que esperam em Deus - como uma atitude de espírito oposta ao orgulho, que predispõe para receber os dons divinos. Encontram-se algumas alusões a uma atitude de infância, de abandono filial da alma em Deus no *Salmo 130*: "Senhor, o meu coração não se orgulha (...) aquieto e sossego a minha alma, como uma criança saciada no regaço de sua mãe; como uma criança saciada, assim está a minha alma" Ps 130 (131)<sup>4</sup>; o livro dos Provérbios diz: "Se alguém é pequenino, venha a mim" (Prov. 9, 4). Em diversos Salmos se manifesta a mesma atitude de confiança; por exemplo, nos Salmos 21, 11, 26, 10 e

---

<sup>3</sup> S. João Paulo II, *Homilia na Beatificação de Francisco e Jacinta Marto*, Fátima, 13-V-2000.

<sup>4</sup> Cf. Bento XVI, "Audiência", 10.VIII.2005, onde refere explicitamente o Salmo 130 como "a parábola ideal da verdadeira "infância" do espírito, que se abandona em Deus não de um modo cego e automático, mas sereno e responsável".

70, 5-6. Outros livros da *Sagrada Escritura* recolhem alusões a uma atitude de infância: o Siracide aconselha fazer-se pequeno para achar graça diante de Deus (Sir 3, 19-20); o Livro da Sabedoria afirma que aos pequenos é concedida misericórdia (Sab. 6, 6-7); o profeta Isaías compara Deus a uma mãe que não esquece o filho das suas entranhas (Is 49, 15) e o cuida com ternura: "acariciados sobre o seu regaço. Como uma mãe consola o seu filho, assim eu vos consolarei" (Is. 66, 12-13)<sup>5</sup>.

## II. Uma Realidade Profundamente Evangélica

A necessidade imperiosa de tornar-se como crianças diante de Deus aparece sobretudo no Novo Testamento, como uma realidade profundamente evangélica: "Quem não receber o Reino de Deus como uma criança, não entrará nele", afirmou Jesus Cristo (Mc. 10, 14-15; Lc 18,16). O próprio Mestre manifesta a sua predileção pelas crianças: "Deixai vir a Mim as criancinhas, não as afasteis, acrescentando, Pois, a quem é como elas pertence o Reino de Deus" (Mc 10, 14). E põe uma criança como modelo aos Apóstolos, depois destes terem discutido entre si sobre qual deles era o maior (Mc 9, 36). Mateus relata que, quando os discípulos lhe perguntaram:

"Quem é o maior no Reino dos Céus? Jesus, chamando uma criança, pô-la no meio deles e disse: Na verdade vos digo que, se não vos converterdes e vos tornardes como crianças, não entrareis no Reino dos Céus. Aquele, pois, que se fizer pequeno como esta criança, esse será o maior no Reino dos Céus" (Mt 18, 2-4).

Na mesma ocasião, o Mestre pronuncia palavras de advertência severas:

".... se alguém escandalizar um destes pequeninos que crêm em mim, seria preferível que lhe suspendessem em volta do pescoço uma mó de moinho, das movidas pelos jumentos, e o lançassem nas profundezas do mar." (Mt 18,6)

Jesus, que não ignora os caprichos das crianças, não se detém - como faria São Paulo – nas suas deficiências, mas propõe aos seus discípulos uma atitude espiritual

---

<sup>5</sup> Cf. Berrouard, Marie François, De Sainte-Marie, François e Bernard, Charles André, *Enfance Spirituelle, Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique*, IV, (Paris: Beauchesne, 1960), pp. 682-687.

humilde, dócil, confiante e receptiva, indispensável para entrar no Reino, e para que lhes sejam revelados os mistérios de Deus (Mt. 11, 25-26, Lc 10, 21).

Não é fácil determinar exactamente em que consiste este tornar-se como criança. É claro, pelas palavras do Mestre, que se trata de uma conversão, de um estado interior que é necessário alcançar. Parece referir-se a uma atitude de filho pequeno que reconhece e ama a total dependência de seu Pai; uma atitude que nada tem a ver com infantilidade, ou com imaturidade humana, mas que exige, pelo contrário, uma maturidade espiritual profunda<sup>6</sup>. Mas, para nos aproximarmos do seu significado mais autêntico, nada melhor do que considerar o que nos dizem a Tradição e o Magistério da Igreja.

### III. A Infância na Tradição Cristã

Os Padres da Igreja comentam de um modo muito variado este convite de Jesus a fazer-se como crianças para entrar no Reino, aludindo, não tanto a um modo de tratar a Deus - ou a um caminho contemplativo - mas preocupando-se mais em salientar as virtudes que se simbolizam nesta comparação.

A filiação divina e a humildade são dois elementos comuns na pregação dos Padres da Igreja e escritores eclesiásticos: São Clemente de Roma, Papa (séc. I-II), Orígenes (séc. II-III) e Santo Agostinho (séc. IV-V) vêm em Jesus um exemplo de humildade, atitude que consideram o fundamento da vida espiritual<sup>7</sup>.

No exemplo das crianças, de que Jesus fala nos Evangelhos, os Padres e escritores eclesiásticos destacam virtudes como a inocência, a pureza e a simplicidade. Clemente de Alexandria (séc. II-III) interpreta Mt 18, 1-4 falando dos

---

<sup>6</sup> Cf. Berrouard, *Enfance Spirituelle*, pp. 688-692, p. 704. Cf. De Sainte-Marie e Bernard, *Enfance Spirituelle*, p. 712.

<sup>7</sup> Cf. Rouet de Journel, Marie Joseph, Dutilleul, J., *Enchiridion Asceticum. Loci SS. Patrum et Scriptorum Ecclesiasticorum ad Ascesim Spectantes*, 4ª ed. (Barcelona: Herder, 1947), 596, Santo Agostinho, *Sermones* 69, 1,2: PL 88, 418: "*humilitas fundamentum perfectionis*".

cristãos como crianças, ou seja, como aqueles que reconhecem Deus como Pai, simples, pequenos, inocentes. Diz que Jesus exorta a que - imitando as crianças – se ponha toda a sua atenção no Pai, procurando unir-se a Ele <sup>8</sup>. No Pastor de Hermas (s. II) os que se fazem como crianças são os que se afastam da malícia e se revestem da inocência<sup>9</sup>. Santo Ambrósio (séc. IV) fala dos que se fazem como crianças não porque sejam ignorantes, mas porque se fazem simples por virtude, voluntariamente<sup>10</sup>. Para São João Crisóstomo (séc. IV-V) as crianças são os que são sinceros e simples<sup>11</sup>. São Jerónimo (séc. IV-V) ao comentar Mt 3,18 fala igualmente da inocência e da ausência de malícia<sup>12</sup>.

Os Padres da Igreja e escritores eclesiásticos dos primeiros séculos estão longe ainda de procurar na infância uma forma de espiritualidade. São Leão Magno (séc. V) é o primeiro que estabelece explicitamente uma ligação entre a infância de Jesus e o espírito de infância espiritual <sup>13</sup>. Apela à imitação da humildade que Cristo

---

<sup>8</sup> Cf. Clemente de Alexandria, *Paedagogus* I, 5, 16-17: PG 8, 268d-269b.

<sup>9</sup> Cf. Pastor de Hermas, Sim. 9, 29, 3: PG 2, 1008. Cf. Rouet De Journal e Dutilleul, *Enchiridion Asceticum*, 39: "sicut infantes, nequitiam non habentes (...) Beati igitur vos, quicumque malitiam a vobis removeritis, innocentiam vero indueritis; primi omnium vivetis Deo".

<sup>10</sup> St<sup>o</sup> Ambrósio, *Expositio evangelii secundum Lucam* 8, 57: ML 15, 1782c: "Cur autem pueros aptos regno dicit esse caelorum? (cf. Lc 18, 16) Fortasse quia malitiam nesciant, fraudare non noverint, referire non audeant, scrutari ignorent opes, honorem, ambitionem non appetant. Sed non ignorare ista virtus est, sed contemnere, nec continentiae laus, ubi infirmitatis integritas; non igitur pueritia, sed aemula puerilis simplicitatis bonitas designatur. Non enim virtus est non posse peccare, sed nolle, atque ita tenere perseverantiam voluntatis, ut voluntas infantiam, usus imitetur naturam".

<sup>11</sup> Cf. S. João Crisóstomo, *In Matthaicum* 38, 1: PG 57, 429

<sup>12</sup> Cf. S. Jerónimo, *In evangelium Matthaei comm.*, 3, 18, 3: PL 26, 128: "Non praecipitur apostolis, ut etatem habeant parvolorum, sed ut innocentiam, et quod illi per annos possident, hi possideant per industriam, ut malitia, non sapientia parvuli sint".

<sup>13</sup> Cf. S. Leão, *Sermo* 37, 3: PL 54, 258c: Cf. Pourrat, Pierre, *Enfance*, 132: "La première origine de l' 'esprit d'enfance' se trouve historiquement dans l'attitude prise par Jésus à l'égard des petits enfants (...). La contemplation de Jésus Enfant est la seconde source – et la plus importante – d'où est sortie la spiritualité de l'esprit d'enfance".

<sup>13</sup> Cf. S. Leão, *Sermo* 37, 3: PL 54, 258c: "Amat Christus infantiam, quam primum et animo suscepit et corpore. Amat Christus infantiam, humilitatis magistram, innocentiae regulam, mansuetudinis formam". Cf. Noye, Irénée, *Enfance de Jésus*, pp. 652-654. Cf. Rouet De Journal e Dutilleul, *Enchiridion Asceticum*, pp. 988-989.

manifesta ao tornar-se criança e refere que Cristo ama a infância, que é mestra de virtudes <sup>14</sup>.

Em continuidade com São Leão Magno, São Máximo de Turim (séc. V) fala também da infância cristã ou da infância do cristão. Afirma que a criança que os Apóstolos devem tomar como modelo para se tornarem como crianças (cf. Mt 18,3) é o próprio Cristo, anunciado pelo profeta Isaías como um Menino (Is 9,5)<sup>15</sup>. Também São João Clímaco (séc. VI), indo ainda mais longe, se refere àqueles que são crianças em Cristo<sup>16</sup>.

O seguimento do cristão com respeito a Cristo é visto como imitação e devoção aos mistérios da vida de Jesus. Desenvolve-se o culto cheio de afecto à Humanidade do Senhor e, em particular, aos mistérios da Infância. O seguimento e imitação de Cristo - entendido como participação e realização dos seus mistérios na vida pessoal - é característico da Idade Média, como se manifesta, por exemplo, em São Bernardo (séc. XII) que difundiu muito a devoção à Infância de Jesus <sup>17</sup>. No século XIII foi igualmente desenvolvido por São Francisco de Assis o espírito de infância e de simplicidade, unido à sua conhecida devoção ao Presépio <sup>18</sup>, e

---

<sup>14</sup> Cf. S. Leão, *Homilia 7: Corpus Christianorum*, series latina (CCL) 138, 200. Cf. Loarte, J.A., *El tesoro de los Padres. Selección de textos de los Santos Padres para el cristiano del tercer milenio* (Madrid: Rialp, 1998), 264: "para San León, el ciclo litúrgico tiene una importancia capital en la vida cristiana. La liturgia es como una prolongación de la vida salvífica de Cristo en la Iglesia, su Cuerpo Místico. Los cristianos, configurados con el Señor por medio de los sacramentos, deben imitar la vida de Jesucristo en el ciclo anual de las celebraciones".

<sup>15</sup> Cf. S. Máximo de Turim, *Sermo 54*: CCL 23, p. 218.

<sup>16</sup> Cf. S. João Clímaco, *Scala paradisi*: PG 88, 636d. Cf. Rouet De Journal e Dutilleul, *Enchiridion Asceticum*, 1094: "Omnes qui in Christo sunt infantes, ab iis ducant initium; et ex illis ipsis, qui infantes corpore sunt, exemplum capiant".

<sup>17</sup> Cf. S. Bernardo, *Sermones*: PL 183, 87-152, 383-398. Cf. Leclercq, J., "Sequela Christi e imitazione", *Dizionario degli Istituti di Perfezione*, VIII (Roma, 1988), pp. 1307-1311.

<sup>18</sup> Cf. Gennaro, C., *Infancia Espiritual*, 306; Noye, *Enfance de Jésus*, 659; Pourrat, *Enfance*, p. 134.

também por São Boaventura <sup>19</sup>, por Santa Gertrudes e por Santo António <sup>20</sup>. Associada a esta devoção à infância de Cristo, desenvolve-se gradualmente a infância espiritual como doutrina.

Algumas das alusões doutriniais à infância espiritual encontramos-las em São Bernardo ao falar da necessidade da conversão interior <sup>21</sup>, em São Francisco de Assis ao pregar e procurar viver o espírito de infância, chegando a personificá-lo, através do seu abandono filial à Providência divina <sup>22</sup> em São Boaventura ao procurar descobrir na infância de Cristo as atitudes necessárias a uma ascensão espiritual e ao insistir na humildade e na simplicidade como condições para entrar no Reino dos Céus <sup>23</sup>. Sem que haja ainda uma elaboração doutrinal da vida de infância, na Idade Média vai-se desenvolvendo um clima propício a esta <sup>24</sup>.

A devoção e ternura para com Jesus Menino convidam a uma atitude de infância espiritual, que se vai divulgando progressivamente por diversos países, e que atinge o seu maior esplendor no século XVII. Um dos seus promotores em França é o Cardeal Bérulle que admira em Jesus Menino a sua dependência extrema, o silêncio, o abaixamento de Deus, e considera a contemplação da infância de Jesus uma enorme fonte de graças para a alma, graças como a inocência, a indigência, a obediência e a docilidade, a pureza, etc. A contemplação do Menino Deus e das suas disposições, convida a torná-las próprias. Juntamente com Marguerite du Saint-Sacrement, do Carmelo de Beaune, toda esta

---

<sup>19</sup> Cf. S. Boaventura, *Opera Omnia* (Paris: Vivès, 1868): *Lignum vitae*, XII, pp. 70-71, *Sermones*, pp. 31-52, p. 13, pp. 50-86, *De quinque festivitibus pueri Jesu*, XIV, pp. 139-150.

<sup>20</sup> Cf. Pourrat, *Enfance*, p. 133.

<sup>21</sup> S. Bernardo, *Sermo*: PL 183, p. 365 ab; cf. Noye, *Enfance de Jésus*, pp. 658-659.

<sup>22</sup> Cf. Pourrat, *Enfance*, p. 134.

<sup>23</sup> Cf. S. Boaventura, *De quinque festivitibus pueri Jesu*, p. 139-150; Cf. Gennaro, *Infancia Espiritual*, p. 306.

<sup>24</sup> Cf. Noye, *Enfance de Jésus*, pp. 659-682.



espiritualidade irá exercer uma influência decisiva no Carmelo francês e através dele, em Teresa de Lisieux <sup>25</sup>.

Uma das linhas de força da espiritualidade medieval é a devoção à Humanidade de Cristo e a conformidade do cristão com os mistérios da vida de Cristo <sup>26</sup>. Desenvolve-se o culto cheio de afecto à Humanidade do Senhor sobretudo na Idade Média, por exemplo, em São Bernardo (séc. XII)<sup>27</sup>. No século XIII foi igualmente desenvolvido por São Francisco de Assis o espírito de infância e de simplicidade, unido à sua conhecida devoção ao Presépio e também por São Boaventura<sup>28</sup>, por Santa Gertrudes e por Santo António<sup>29</sup>.

Deste modo, desenvolve-se gradualmente a importância da atitude de infância espiritual como doutrina. Algumas das alusões doutrinárias à atitude de infância espiritual encontram-se em São Bernardo ao falar da necessidade da conversão interior<sup>30</sup>, e em São Francisco de Assis ao pregar e procurar viver o espírito de infância, chegando a personificá-lo, através do seu abandono filial à Providência divina<sup>31</sup>; também São Boaventura insiste na humildade e na simplicidade como condições para entrar no Reino dos Céus <sup>32</sup>. Sem que haja ainda uma elaboração doutrinária da vida de infância, na Idade Média vai-se desenvolvendo um clima propício a esta<sup>33</sup>.

---

<sup>25</sup> Sobre os Carmelos franceses e sobre Marguerite du Saint-Sacrement, o Carmelo de Beaune e Marie de Saint-Pierre em Tours, cf. Noye, *Enfance de Jésus*, pp. 667-681; Pourrat, *Enfance*, pp. 135-137.

<sup>26</sup> Cf. De Guibert, Joël, "Ascèse", *Dictionnaire de Spiritualité*, I, p. 978.

<sup>27</sup> Cf. S. Bernardo, *Sermones*: PL 183, pp. 87-152, pp. 383-398.

<sup>28</sup> Cf. S. Boaventura, *Opera Omnia*, (Paris: Vivès, 1868): *Lignum vitae*, XII, pp. 70-71, *Sermones* 31-52, 13, 50-86, *De quinque festivitibus pueri Jesu*, XIV, pp. 139-150.

<sup>29</sup> Cf. Pourrat, *Enfance*, p. 133.

<sup>30</sup> S. Bernardo, *Sermo*: PL 183, p. 365 ab; Cf. Noye, *Enfance de Jésus*, pp. 658-659.

<sup>31</sup> Cf. Pourrat, *Enfance*, p. 134.

<sup>32</sup> Cf. S. Boaventura, *De quinque festivitibus pueri Jesu*, pp. 139-150; Cf. Gennaro, *Infancia Espiritual*, p. 306.

<sup>33</sup> Cf. Noye, *Enfance de Jésus*, 659-682. A devoção e ternura para com Jesus Menino convida a uma atitude de infância espiritual, que se vai divulgando progressivamente por diversos países, e que atinge o seu maior esplendor no século XVII. Toda esta

Também no século XVII, em Itália, com Anna Moroni e outras doze companheiras, surgiu em Roma (1672) uma congregação cuja espiritualidade se fundava na contemplação de Jesus em Belém, para chegar, através dela, à semelhança com o Verbo Encarnado. O espírito de infância passa a ser visto como uma via de santificação, constituído tanto pela devoção a Jesus Menino, como pelo hábito de meditar nas qualidades das crianças como imagem das virtudes cristãs: humildade, pobreza, despojamento, abandono, pureza de coração, simplicidade interior, unidas à consciência da filiação divina que o Filho de Deus nos alcançou <sup>34</sup>.

A riqueza desta devoção e da "via de infância" espiritual aliada à contemplação de Jesus Menino e à filiação divina, parecem condensar-se no título de uma obra póstuma de Jean Blanlo, do século XVII: *L' enfance chrétienne qui est une participation de l'esprit et de la grâce du divin Enfant Jésus Verbe incarné*. O autor considera que este espírito de infância é uma consequência do Baptismo e põe em relevo as disposições interiores de dependência radical de Deus, de humildade e de docilidade ao Espírito Santo. Estas adquirem-se pela oração e pela meditação frequente e a adoração contínua do Deus que se fez homem e criança por nós. Esta contemplação levará a uma união afectiva ao Verbo Encarnado, com o desejo de O imitar e por Ele e n' Ele, agradecer ao Pai, pela virtude do Espírito Santo <sup>35</sup>.

Esta doutrina vai, pois, gradualmente, adquirindo maior consistência; tomará uma fisionomia definitiva, graças sobretudo a Santa Teresinha do Menino

---

espiritualidade irá exercer uma influência decisiva no Carmelo francês e em Teresa de Lisieux; cf. Pourrat, *Enfance*, pp. 135-137

<sup>34</sup> Cf. De Sainte-Marie e Bernard, *Enfance Spirituelle*, pp. 705-709. Cf. Pourrat, *Enfance*, pp. 134-135: "l'esprit d'enfance est une méthode de sanctification. Elle comporte deux éléments. D'abord la dévotion à l'Enfant Jésus (...). L'autre élément de la méthode est l'habitude d'envisager les qualités attribuées aux petits enfants comme les images des vertus chrétiennes".

<sup>35</sup> Blanlo, Jean, *L'enfance chrétienne qui est une participation de l'esprit et de la grâce du divin Enfant Jésus Verbe incarné* (Paris, 1665), p. 139. Cf. De Sainte-Marie e Bernard, *Enfance Spirituelle*, pp. 709-710.

Jesus (1873-1897), através da qual a expressão "infância espiritual" penetrará no Magistério Pontifício <sup>36</sup>.

Foi em contacto directo com a Sagrada Escritura e graças a uma iluminação especial do Espírito Santo, que Teresa de Lisieux descobriu um "caminhito" muito direito e muito curto ou como ela própria narra nos seus manuscritos autobiográficos:

"Uma espécie de ascensor para me elevar até Jesus, pois sou muito pequena para subir a difícil escada da perfeição. Então procurei nos livros santos uma indicação do ascensor, objecto do meu desejo, e li estas palavras proferidas pela boca da Sabedoria Eterna: 'Se alguém é pequenino, venha até mim' (Prov. 9, 4). E vim, convencida de que tinha encontrado o que procurava e para saber, ó meu Deus!, o que é que Vós faríeis ao pequenino que respondesse ao vosso apelo, continuei as investigações e eis o que encontrei: 'Como a mãe acalenta o filho, assim vos consolarei, vos trarei ao colo e vos embalarei sobre os joelhos' (Is 66, 13.12)" <sup>37</sup>

A sua vida de infância alimenta-se destas expressões bíblicas. Descreve este caminho da infância espiritual como o caminho da confiança e do abandono completo nos braços do Pai <sup>38</sup>. Teresa não entendia "infância" em sentido literal, mas por analogia com determinadas qualidades que se podem encontrar nos mais pequenos, pois, como ela própria dizia, necessitamos de imagens para compreender melhor as realidades invisíveis <sup>39</sup>.

---

<sup>36</sup> Cf. De Sainte-Marie e Bernard, *Enfance Spirituelle*, pp. 710-713; cf. Gennaro, *Infancia Espiritual*, p. 306.

<sup>37</sup> Santa Teresa do Menino Jesus, *Histoire d'une âme* (Lisieux, 1898); trad. port., *História de uma Alma. Manuscritos autobiográficos*, 13<sup>a</sup> ed. (Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1997), Manuscrito C (3r); ID., *Oeuvres Complètes. Textes et Dernières Paroles* (Paris: Ed. Du Cerf, Desclée de Brouwer, 1992); trad. port., *Obras Completas. Textos e últimas Palavras* (Paço de Arcos: Carmelo, 1996).

<sup>38</sup> Cf. Santa Teresa do Menino Jesus, *Histoire d'une âme*, Manuscrit B (1r): "ce chemin c'est l'abandon du petit enfant qui s'endort sans crainte dans les bras de son Père".

<sup>39</sup> Cf. Santa Teresa do Menino Jesus, *Derniers Entretiens*, 21-26-V, 9: "Les Saints Innocents, dit-elle, ne sont pas des enfants au Ciel; ils ont seulement les charmes indéfinissables de l'enfance. On se les représente enfants, parce que nous avons besoin d'images pour comprendre les choses invisibles".

Que quer dizer este ser criança diante de Deus? Respondendo a esta mesma pergunta, Teresa esclarece:

"É reconhecer o seu nada, esperar tudo de Deus, como uma criança espera tudo do Pai; é não se inquietar com nada, não acumular bens (...). Fiquei por isso sempre pequenina, não tendo outra ocupação senão a de colher flores, as flores do amor e do sacrifício, e oferecê-las a Deus para Lhe dar gosto. Ser pequeno, é ainda não atribuir a si mesmo as virtudes que se praticam, julgando-se capaz de alguma coisa (...). Enfim, é não desanimar com as próprias faltas, pois as crianças caem muitas vezes, mas são demasiado pequenas para se magoarem muito" <sup>40</sup> .

O reconhecimento da própria pequenez, a confiança no amor e na acção santificante de Deus até à audácia e a colaboração generosa à graça divina são os pontos básicos desta via de infância, tal como Teresa a apresenta. O abandono de criança que confia absolutamente no amor e na misericórdia de seu Pai Deus, traduzem-se depois na sua obra em múltiplas imagens e palavras, exemplos, conselhos e atitudes práticas nas coisas pequenas da vida quotidiana, o seu campo preferido de acção <sup>41</sup>. Não foi para ela uma via fácil, nem isenta de sofrimentos, dúvidas e tentações. Mas também nos momentos de prova, considera-se um pequeno brinquedo de Jesus, a sua pequena bola, ou um pequeno grão de areia, uma pequenina ave. Estas expressões, ou outras que utiliza, como a de colher pequenas flores para oferecer a Jesus, embora com um certo sabor de romantismo, não invalidam nem escondem a sua fortaleza; ao espírito de infância alia-se uma

---

<sup>40</sup> Santa Teresa do Menino Jesus, *Œuvres Complètes, Derniers Entretiens*, 6-VIII, 8: "Je lui demandai le soir pendant Matines ce qu'elle entendait par "rester petite enfant devant le bon Dieu". Elle me répondit : C'est reconnaître son néant, attendre tout du bon Dieu, comme un petit enfant attend tout de son père ; c'est ne s'inquiéter de rien, ne point gagner de fortune. (...) je n'ai pas voulu grandir, me sentant incapable de gagner ma vie, la vie éternelle du Ciel. Je suis donc restée toujours petite, n'ayant d'autre occupation que celle de cueillir des fleurs, les fleurs de l'amour et du sacrifice, et de les offrir au bon Dieu pour son plaisir. Être petit, c'est encore ne point s'attribuer à soi-même les vertus qu'on pratique, se croyant capable de quelque chose, mais reconnaître que le bon Dieu pose ce trésor dans la main de son petit enfant pour qu'il s'en serve quand il en a besoin ; mais c'est toujours le trésor du bon Dieu. Enfin, c'est de ne point se décourager de ses fautes, car les enfants tombent souvent, mais ils sont trop petits pour se faire beaucoup de mal".

<sup>41</sup> Cf. Gennaro, *Infancia Espiritual*, p. 307. Cf. De Meester, C., *Infancia Espiritual*, p. 906.

grande maturidade espiritual, própria dos santos. Independentemente das imagens que utiliza, a sua doutrina e os seus escritos traduzem um sentido profundo da filiação divina do cristão e um estado de íntima união da alma com Deus <sup>42</sup>.

#### IV. A Infância no Magistério Recente

Foi sobretudo a partir de Teresa de Lisieux, que o termo "infância espiritual" apareceu no Magistério Pontifício. Bento XV, ao declarar a heroicidade das suas virtudes, pronunciou uma alocução sobre o caminho de Teresa, denominando-o "infância espiritual" e considerando-o como o segredo da sua santidade; salientou que pressupunha uma fé vivíssima em Deus, uma confiança absoluta na sua Providência e que era uma homenagem ao seu poder e misericórdia <sup>43</sup>. Pio XI, ao canonizá-la no dia 17 de Maio de 1925, não duvidou em afirmar que o Espírito lhe tinha manifestado as verdades que costuma ocultar aos sábios e inteligentes e revelar aos pequenos; comparou o seu caminho ao estado das crianças inocentes, puras, simples e sinceras. Esta inocência e pureza que as crianças possuem naturalmente, devem alcançá-la os cristãos pela virtude. Referindo-se à originalidade da sua doutrina, pô-la como exemplo de santidade para todos, acrescentando que o seu caminho, de infantil, não tinha senão o nome<sup>44</sup>. João Paulo II, ao declará-la Doutora da Igreja universal, em 19 de Outubro de 1977, acrescentou algo que parece interessante salientar: que na existência de Teresa, Deus ofereceu ao mundo uma mensagem precisa, ao assinalar um caminho evangélico que todos podem percorrer, porque todos estão chamados à santidade. O seu "caminho de infância espiritual" pelo qual Teresa conseguiu transmitir a beleza da confiança e do abandono em Deus, da simplicidade da infância

---

<sup>42</sup> Cf. De Sainte-Marie e Bernard, *Enfance Spirituelle*, p. 713: "Nos répugnances d'adultes devant les expressions et les attitudes des 'enfants spirituels' n'ont (...) pas raison d'être (...) celles-ci sont le signe de l'amour mystique et de l'union de l'âme avec Dieu".

<sup>43</sup> Cf. Bento XV, AAS 13 (1921), pp. 449-452.

<sup>44</sup> Cf. Pio XI, AAS 17 (1925), pp. 211-214. Pio XII refere-se a ela por ocasião da consagração da basílica de Lisieux, AAS 46 (1954), pp. 404-408. Paulo VI, no centenário do seu nascimento, propõe-na como modelo de oração e de esperança teologal; cf. AAS 65 (1973), pp. 12-15. Cf. "Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus glorifiée par la sainte Église. Actes officiels et discours pontificaux" (Lisieux 1932) pp. 9-20, pp. 71-74. Cf. La documentation catholique 44 (1947) pp. 1353-1356. Cf. De Sainte Marie e Bernard, *Enfance Spirituelle*, pp. 713-714.

evangélica, não é um caminho banal, mas uma via segura, que torna suave a exigência do Evangelho <sup>45</sup>.

João Paulo II chegou a falar de um "Evangelho da Criança", numa Carta que dedicou às crianças em 1994. Começando por referir o extraordinário afecto que Jesus manifestou por elas, recolhe depois as frases do Evangelho que proferiu sobre a importância de se tornar crianças (cf. Mt 18, 3; Mc 10, 15; Lc 18, 17; Jo 3, 3).

Explica um pouco o que significa este tornar-se como criança, essencial à salvação, – viver com simplicidade, bondade, pureza e abandono confiante -. Só os que assim vivem podem tornar-se, filhos de Deus, acrescenta. Apela à alegria por este "Evangelho da filiação divina"<sup>46</sup>. As crianças são, assim, o símbolo eloquente e a esplêndida imagem daquelas condições morais e espirituais necessárias para entrar no Reino de Deus: simbolizam um leque de virtudes de relevância vital, entre as quais se contam a humildade, a simplicidade, a veracidade, a sinceridade, a transparência, a confiança absoluta em Deus e o abandono nas suas mãos<sup>47</sup>.

Mas não são exclusivamente uma imagem de virtudes essenciais, como já afirmavam os Padres da Igreja. João Paulo II parece identificar a atitude interior de infância simultaneamente com uma íntima experiência da filiação divina<sup>48</sup> e de identificação com Jesus Cristo: "a criança aparece como imagem eloquente do discípulo que é chamado a seguir o divino Mestre com a docilidade de um menino".<sup>49</sup> Refere ainda que "Jesus amou as crianças como suas predilectas pela

---

<sup>45</sup> Cf. S. João Paulo II, "Declaração de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face como Doutora da Igreja universal" (19-X-1997), AAS 90 (1998) pp. 409-413.

<sup>46</sup> S. João Paulo II, *Carta do Papa às Crianças no Ano da Família*, 13-XII-1994 (Lisboa: Rei dos Livros 1994), p. 28.

<sup>47</sup> Cf. S. João Paulo II, *Exortação apostólica Christifideles Laici Sobre a Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo*, 30-XII-1988, p. 47.

<sup>48</sup> Cf. S. João Paulo II, "Homilia da Missa em Lisieux", 2-VI-1980, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, III, 1 (1980), p. 1659: "o sentido mais autêntico da infância espiritual é a experiência da filiação divina sob o impulso do Espírito Santo".

<sup>49</sup> S. João Paulo II, "Mensagem para a Quaresma de 2004", 8-XII-2003.

sua simplicidade e alegria de viver, a sua espontaneidade e a sua fé cheia de assombro"<sup>50</sup>.

Por esse mesmo facto, também a comunidade deve acolher as crianças, com os braços e o coração abertos, como acolheria o próprio Cristo (cf. Mt 18, 5). "Tornar-se" pequenino e "acolher" os pequeninos são, deste modo, dois aspectos de um único ensinamento que o Senhor repropõe aos seus discípulos<sup>51</sup>.

O mesmo Papa, na homilia de uma Missa em Lisieux, referiu-se novamente à maravilhosa riqueza de dons espirituais, que ao longo da história da Igreja, correspondem às necessidades dos tempos e da humanidade. E sintetizou deste modo o carisma que lhe foi concedido, como um dom para toda a Igreja:

"Podemos dizer, com convicção, que o Espírito de Deus permitiu ao seu coração revelar directamente aos homens do nosso tempo, o mistério fundamental, a realidade do Evangelho: o facto de termos recebido realmente um espírito de filhos de adopção que nos faz clamar 'Abba', Pai (Rom 8, 15)"<sup>52</sup>.

A genuína experiência espiritual cristã coincide com as verdades reveladas. Na base desta experiência espiritual, encontra-se a experiência de ser filhos adoptivos do Pai, no Filho. Comenta que nesta via há qualquer coisa de único, próprio dela, mas há

"ao mesmo tempo, a renovação da verdade mais fundamental e mais universal. Que verdade da mensagem evangélica é, com efeito, mais fundamental e mais universal que esta: Deus é nosso Pai e nós somos seus filhos?"<sup>53</sup>

---

<sup>50</sup>S. João Paulo II, "Angelus", 18-XII-1994.

<sup>51</sup> Cf. S. João Paulo II, "Mensagem para a Quaresma de 2004", 8-XII-2003.

<sup>52</sup>S. João Paulo II, "Homilia da Missa em Lisieux", 1658-9. Cf. *La documentation catholique* 77 (1980), p. 611.

<sup>53</sup> *Ibidem*. A tradução é minha.

O mesmo Pontífice apela à alegria por este "Evangelho da filiação divina"<sup>54</sup>. Dias mais tarde acrescentava: "Jesus amou as crianças como suas predilectas pela sua Simplicidade e Alegria de viver, a sua Espontaneidade e a sua Fé cheia de assombro"<sup>55</sup>.

As crianças são o símbolo eloquente e a esplêndida imagem daquelas condições morais e espirituais necessárias para entrar no Reino de Deus: simbolizam um leque de virtudes de relevância vital, entre as quais se contam a humildade, a simplicidade, a veracidade, a sinceridade, a transparência, a confiança absoluta em Deus e o abandono nas suas mãos <sup>56</sup>. Mas não são exclusivamente uma imagem de virtudes essenciais; João Paulo II parece identificar a atitude interior de infância com uma íntima experiência da filiação divina. Salientou que "o sentido mais autêntico da infância espiritual é a experiência da filiação divina sob o impulso do Espírito Santo"<sup>57</sup>.

Verificamos muitas destas características de que fala São João Paulo II: "simplicidade, alegria de viver, espontaneidade e fé cheia de assombro" na vida dos pastorinhos. Para além das características próprias de crianças normais, alegres e simples, que gostam de dedicar o máximo de tempo possível às suas brincadeiras, cantar e dançar, etc., encontramos também traços de piedade simples e de devoção à Humanidade de Cristo, como no caso da Jacinta que gostava de "fazer como Nosso Senhor"<sup>58</sup>. Além da sua "fé cheia de assombro", observamos também a humildade e a sinceridade das crianças que se negam a responder aos interrogatórios dos curiosos, para não mentir.<sup>59</sup> Sobressai a sua sensibilidade e o

---

<sup>54</sup> S. João Paulo II, *Carta do Papa às Crianças*, p. 28.

<sup>55</sup> S. João Paulo II, "Angelus", 18-XII-1994.

<sup>56</sup> Cf. S. João Paulo II, *Exortação apostólica Christifideles Laici sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no Mundo*, 30-XII-1988 (Lisboa: Paulinas, 1988) p. 47.

<sup>57</sup> S. João Paulo II, "Homilia da Missa em Lisieux", 1659.

<sup>58</sup> Irmã Lúcia, *Memórias I*, pp. 43-44.

<sup>59</sup> Cf. Irmã Lúcia, *Memórias I*, p. 85.



seu amor a Jesus, assim como a sua simplicidade.<sup>60</sup> É notável a sua confiança inabalável em Nossa Senhora e na sua ajuda: "Vês?! Não devemos ter medo de nada! Aquela Senhora ajuda-nos sempre. É tão nossa amiga!"<sup>61</sup>.

São João Paulo II afirmou, sobre a predilecção pela infância que dá o título a este artigo:

"Assim como em Lourdes, também em Fátima a Virgem escolheu crianças, Francisco, Jacinta e Lúcia, como destinatários da sua mensagem. Elas acolheram-na de modo tão fiel, que merecem não só serem reconhecidas como testemunhas críveis das aparições, mas elas mesmas se tornam exemplo de vida evangélica. (...) com os dois pastorinhos de Fátima a Igreja proclamou Beatos dois juvenzinhos porque, embora não sejam mártires, demonstraram que viviam as virtudes cristãs em grau heróico, apesar da sua tenra idade. Heroísmo de crianças, mas verdadeiro heroísmo. A sua santidade não depende das aparições, mas da fidelidade e do empenho com que eles corresponderam ao dom singular recebido do Senhor e de Maria Santíssima. (...) Pela sua fidelidade a Deus, constituem um luminoso exemplo, para crianças e adultos, de como se deve conformar de modo simples e generoso à acção da graça divina que transforma"<sup>62</sup>.

No dia seguinte ao da canonização de Francisco e Jacinta Marto, também o Papa Francisco se pronunciou sobre a predilecção de Nossa Senhora pelos jovens pastorinhos, o exemplo de santidade que nos deixaram e ainda sobre a necessidade eclesial de cuidar das crianças:

"Em Fátima a Virgem escolheu o coração inocente e a simplicidade dos pequeninos, Francisco, Jacinta e Lúcia, como depositários da sua mensagem (...). Com a canonização de Francisco e Jacinta, eu quis propor à Igreja inteira o seu exemplo de adesão a Cristo e o seu testemunho evangélico, mas também desejei convidar toda a Igreja a cuidar das crianças"<sup>63</sup>.

---

<sup>60</sup>Cf. Irmã Lúcia, *Memórias* I, 48: "com aquela simplicidade que lhe era habitual: – Diz aos grilos e às rãs que se calem! Dói-me tanto a minha cabeça! Então, o Francisco perguntou-lhe: Não queres sofrer isto pelos pecadores?! A pobre criança, apertando a cabeça entre as mãozinhas, respondeu: sim, quero. Deixa-as cantar".

<sup>61</sup> Irmã Lúcia, *Memórias*, I, p. 50.

<sup>62</sup> S. João Paulo II, "Audiência geral", 17-V-2000.

<sup>63</sup> Papa Francisco, "Regina Coeli", 14-V-2017.

Estas "pequenas candeias" que Deus acendeu, há já mais de cem anos, com o fogo do Seu Espírito, brilham agora nos altares do mundo. Os mais jovens santos da história da Igreja, os Pastorinhos de Fátima, Francisco e Jacinta, a partir do altar do mundo, falam e interpelam a comunidade eclesial, com o seu luminoso fulgor<sup>64</sup>.

#### NOTA BIOGRÁFICA

Maria Helena da Guerra Pratas é membro da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa. Foi a primeira mulher portuguesa doutorada em Teologia em Roma (1989), com o doutoramento reconhecido pela Universidade Católica Portuguesa. Fez o Mestrado em Ciências da Educação pela Universidade de Roma Tre e é Licenciada em Filologia Germânica pela Universidade Clássica de Lisboa. Foi Investigadora Principal do Centro de Estudos e Investigação Aplicada, onde coordenou uma linha de investigação sobre Ética e Cidadania, durante diversos anos. Até 2017, foi Professora Coordenadora doutorada do Departamento de Educação do Instituto Superior de Educação e Ciências – ISEC, Lisboa, no qual trabalhou principalmente no âmbito da Formação de Professores e leccionou diversas unidades curriculares, designadamente, Correntes da Pedagogia contemporânea, Ética e Deontologia Profissional a diversos cursos, Metodologia da Educação Ética e Religiosa, Metodologia da Formação Pessoal e Social e Cultura Cristã, entre outras. Orientou diversas teses nestes âmbitos. Anteriormente leccionou Literatura Inglesa na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa. Tem vários livros e cerca de uma centena de artigos publicados e participou em diversos projectos de investigação de âmbito internacional. Actualmente dedica-se sobretudo à investigação e pertence à EUARE, *European Academy of Religion* e é a representante portuguesa da EFTRE, do *European Forum for Teachers of Religious Education*.

#### RESUMO

Em 13 de Maio de 2017 foram canonizadas em Fátima duas crianças, Jacinta Marto e Francisco Marto, depositárias da Mensagem da Virgem. No entanto, não foi fácil, ao longo do processo da sua beatificação, chegar à conclusão unânime de que duas crianças podiam ser santas, alcançar a santidade pelo exercício heróico das virtudes cristãs. O exemplo destas primeiras crianças de Fátima beatificadas abriu de certo modo caminho a uma nova reconfiguração do religioso, de abertura à santidade também das crianças, nem sempre devidamente valorizadas nas

---

<sup>64</sup> Cf. Coelho, Ângela de Fátima, "Sentinelas da Madrugada", *Voz da Fátima*, 13-VI-2017.

diversas dinâmicas pastorais. João Paulo II, na Homilia na Beatificação de Francisco e Jacinta, a 13 de Maio de 2000 quis explicitamente fundamentar a beatificação de duas crianças que não foram mártires nas palavras de Jesus no Evangelho: "Eu Te bendigo, ó Pai, porque escondeste estas verdades aos sábios e inteligentes, e as revelaste aos pequeninos". O mesmo Papa afirmou na Audiência Geral depois da beatificação: "Assim como em Lourdes, também em Fátima a Virgem escolheu crianças, Francisco, Jacinta e Lúcia, como destinatários da sua mensagem. Elas acolheram-na de modo tão fiel, que merecem não só serem reconhecidas como testemunhas críveis das aparições, mas elas mesmas se tornam exemplo de vida evangélica. (...) com os dois pastorinhos de Fátima a Igreja proclamou Beatos dois juvenzinhos porque, embora não sejam mártires, demonstraram que viviam as virtudes cristãs em grau heróico, apesar da sua tenra idade. Heroísmo de crianças, mas verdadeiro heroísmo" (Audiência, 17-V-2000). O objectivo deste estudo foi o de estudar e aprofundar como é encarada a infância nos vários textos da Sagrada Escritura, da Tradição cristã e do Magistério recente da Igreja Católica romana, com uma metodologia claramente teológica.

#### PALAVRAS CHAVE

Predilecção pela Infância, Francisco e Jacinta Marto, Sagrada Escritura, Tradição e Magistério da Igreja Católica Romana.

#### ABSTRACT

On May 13<sup>th</sup> 2017 were canonized in Fatima two children, Jacinta Marto and Francisco Marto, the message of the Virgin depository. However, it was not easy, during the process of beatification, to conclude that two kids could be holy, achieve Holiness by the heroic exercise of the Christian virtues. The example of these first children of Fatima beatification opened in a way a new religious turndown reconfiguration to holiness also of children, not always properly valued in the various pastoral dynamic. John Paul II, at the homily of their beatification, wanted explicitly to support the beatification of two children who were not martyrs in the words of Jesus in the Gospel: "Father, ... to you I offer praise; for what you have hidden from the learned and the clever you have revealed to the merest children" (Mt 11: 25) (...)". The same Pope stated at the general audience after beatification: "With the two shepherd children of Fatima, the Church has beatified two very young people because, although they were not martyrs, they showed that they lived the Christian virtues to a heroic degree despite their young age. The heroism of children, but true heroism" (Audience, May 17 2000). The aim of this communication was to study - using the theological method - how childhood is seen in the texts of Scripture, the Christian Tradition and the recent Magisterium of the Roman Catholic Church.

**Keywords**

**Predilection for Childhood, Francisco and Jacinta Marto, Sacred Scripture, Christian Tradition and Magisterium of the Roman Catholic Church.**